

NEOFASCISMO: A volta dos



Como a ave Fênix que renasce das cinzas, o nazismo e o fascismo voltam a fazer ecoar seus hinos de guerra e o ruído de suas botas sobre o asfalto das ruas da Europa, diante da apatia de governos e cidadãos comuns.

Ressurgem agora – como apareceram nas décadas de 20 e 30 – alimentados pela recessão econômica, a inflação, o desemprego, a ineficácia dos partidos políticos, o ressentimento de setores urbanos marginalizados. Mas, se é de surpreender o fato de que a Itália e a Alemanha sejam novamente cenário onde desfilam os *camisas negras* e os agressivos emblemas do passado, mais ainda surpreende que este fenômeno se estenda à ex-União Soviética e à devastada ex-Iugoslávia. Desde o final da II Guerra Mundial – cujo famoso *Dia D*, o desembarque aliado na Normandia, acabou de completar 50 anos – o nazifascismo parecia derrotado.

A ação de pequenos grupos de extrema-direita não representou um fenômeno novo no Velho Mundo. O novo é sua legitimação através das urnas, como acaba de ocorrer na Itália e, em menor medida, na França, Rússia e Grã-Bretanha. Com um agravante: em alguns casos – como o italiano, precisamente – já não se trata de campanhas propagandísticas ao velho estilo; agora se trata da mais moderna e maciça rede de recursos eletrônicos a serviço da irracionalidade política. E este fato, uma vez mais, coloca em discussão o papel dos grandes meios de comunicação.

Samisas negras

ITÁLIA

Jovens neofascistas da Aliança Nacional comemoram o triunfo do Pólo da Liberdade nas eleições parlamentares



O ovo da serpente eletrônica

A quase meio século da morte de Benito Mussolini, os neofascistas voltam ao poder graças à sua aliança com o czar das comunicações Silvio Berlusconi

Roberto Bardini

No sábado 14 de maio, 200 jovens – entre os quais se encontravam 50 mulheres – da direita Aliança Nacional, com suas cabeças raspadas, jaquetas e botas de couro pretas, desfilaram pelas ruas de Vicenza, uma cidade ao norte da Itália, repetindo a coreografia fascista do passo de ganso, o braço estendido e as palavras de ordem raivosas que fazem novamente estremecer os alicerces da velha Europa.

A volta dos fantasmas do passado, além de causar preocupação entre os habitantes da cidade, fez rolar as primeiras cabeças no recém-constituído governo do primeiro-ministro Silvio Berlusconi e do Pólo da Liberdade, coalizão integrada pela liberal Força Itália, a separatista Liga Lombarda e a neofascista Aliança Nacional.

Os chefes de polícia de Vicenza foram obrigados a renunciar por terem autorizado a marcha neofascista, cujas imagens pela televisão correram o mundo. O ministro do Interior, Roberto Maroni, membro da Liga Lombarda, se salvou por pouco, alegando que não havia sido informado sobre a permissão para o desfile. Trinta jovens da Aliança Nacional foram expulsos dessa organização por decisão do próprio secretário geral, Gianfranco Fini, que pouco tempo antes tentava apresentar seu movimento como uma força de direita desvinculada do fascismo.

O episódio se somou a outros parecidos, que dão a pauta dos novos ventos que sopram na Itália a partir da esmagadora vitória do Pólo da Liberdade nas eleições parlamentares de 27 e 28 de março em meio aos estertores da I República fundada em 1948.

A quinta-essência do novo poder – O magnata Silvio Berlusconi, um advogado milanês de 57 anos, conhecido como *il cavaliere* e considerado o empresário mais bem-sucedido da Itália, surgiu no cenário político apenas dois meses antes das eleições como representante de duas paixões do cidadão italiano: a televisão e o futebol.

Proprietário da Fininvest, um truste que é o terceiro grupo privado da Itália depois da Fiat, Berlusconi controla três canais de televisão que monopolizam quase 50% da audiência nacional, em cadeias da Espanha e Alemanha, e que representam a maior rede comercial sob o controle de um único dono fora dos Estados Unidos. Possui, além disso, revistas, agências de publicidade, empresas de seguros, cinemas, supermercados, editoras – entre elas, a prestigiada Mondadori – e o clube de futebol Milan. Em seu último exercício fiscal, a Fininvest faturou 7,5 bilhões de dólares.

Em fins de janeiro, o multimilionário utilizou o

Os "carecas" brasileiros

"Atacar alguém dá mais prazer do que drogar-se". A frase foi recolhida pela antropóloga brasileira Marcia Regina da Costa quando realizava uma pesquisa sobre os *skinheads* de São Paulo, que finalmente publicou um livro sob o título "Os *carecas* do subúrbio".

Os "carecas" apareceram nessa cidade nos anos 70, inicialmente como um fenômeno de classe média

ligado ao movimento *punk* surgido na Grã-Bretanha, com manifestações na música e nas roupas, com uma certa inclinação para o anarquismo sem violência. Entre 1971 e 1972, o movimento se espalhou pelos subúrbios da capital paulista, conquistou adeptos entre filhos de operários e famílias pobres e adquiriu outras características: adotou a cruz gamada como símbolo,

incorporou a violência e elegeu como alvo de seu ódio os negros, os judeus, os nordestinos e os homossexuais.

Como os *skinheads* britânicos, "os carecas" brasileiros têm um discurso que exalta os valores nacionais, rejeita tudo o que vem de fora e despreza os políticos e a democracia formal. Mas, diferentemente dos ingleses, os "carecas" de São Paulo – cujas idades variam entre 14 e 30 anos – combatem o uso de drogas e muitos deles trabalham, sobretudo como guardas de segurança, professores de musculação e instrutores de artes marciais.

Os grupos nazistas de São Paulo e os separatistas do Rio Grande do Sul começaram a se aproximar e a trabalhar com eles. O Partido dos Trabalhadores (PT) também. O resultado é que hoje muitos "carecas" defendem posturas antiimperialistas e, ao mesmo tempo, simpatizam com Adolf Hitler porque "defendia os operários".



Alessandra Mussolini, neta do Duce: o discreto charme do fascismo com saias

Canal 4, uma das suas estações de TV, para anunciar dramaticamente que fundaria seu próprio partido: Força Itália, um nome que evoca o grito de alento dos simpatizantes da seleção de futebol nas partidas internacionais. Sem nenhuma experiência política, colocou a seu serviço seus três canais e um exército de especialistas em comunicação, imagem, publicidade e psicologia de massas, lançou um único slogan – "Para um novo milagre italiano" – e soube explorar inteligentemente a rejeição dos italianos aos escandalosos casos de corrupção dos partidos tradicionais.

Da Força Itália, Berlusconi projetou uma aliança para unir a península de norte a sul. Assim, se aliou com a direita moderada de Umberto Bossi, da Liga Norte, e com os neofascistas de Gianfranco Fini, da Aliança Nacional (ex-Movimento Social Italiano).

O czar da TV também empreendeu com sucesso um intenso trabalho de sedução da máfia no sul da Itália, onde a influência dos *padrinhos* sobre os eleitores – prometendo conseguir-lhes trabalho em troca de votos – é enorme. São no total quatro regiões comandadas pe-

la máfia, com mais de 20 milhões de habitantes, que representam um terço do país caracterizado pelo atraso econômico e o conservadorismo político.

O jornal *The Guardian*, de Londres, escreveu: "Força Itália e sua vitória só põem em destaque as tendências que se observam na Europa. Sua campanha e sua vitória são criações do império dos meios de comunicação de Berlusconi. Diante deste desafio, as forças tradicionais dos partidos de esquerda, como as do ex-Partido Comunista Italiano – sua capacidade organizativa e seus contatos com os sindicatos – se tornaram inexpressivas. O que vale é o controle dos meios de comunicação, uma figura de direita carismática e uma agenda populista."

Um total de sete partidos e movimentos formaram a Aliança Progressista, que ficou em segundo lugar. O Partido Socialista mal conseguiu chegar aos dois por cento dos votos nas eleições de 27 e 28

Berlusconi elogia Mussolini

“Mussolini fez coisas positivas durante um certo período do seu governo”. A declaração do magnata das comunicações Silvio Berlusconi ao jornal *Washington Post*, em fins de maio, três dias antes da visita do presidente Bill Clinton à Itália, provocou uma tormenta política. Paradoxalmente, a intenção do primeiro-ministro ao conceder uma entrevista ao

jornal norte-americano era melhorar internacionalmente a imagem do seu governo, afetado pela presença de cinco ministros neofascistas da Aliança Nacional em seu gabinete.

Imediatamente Berlusconi tratou de emendar sua frase. Disse que depois desse período “positivo”, Mussolini “nos tirou a liberdade e levou o país à guerra” e garantiu que nunca

tinha sentido simpatia por *Il Duce*.

Acrescentou que “não existe um perigo fascista na Itália”, onde, a seu ver, “o verdadeiro perigo são os ex-comunistas”. Sua declaração provocou reações, entre elas a do senador Leo Valiano, um veterano constitucionalista de 85 anos, que lhe recomendou “ler um bom livro de história”.

de março, enquanto que a Refundação Comunista obteve 5,5%.

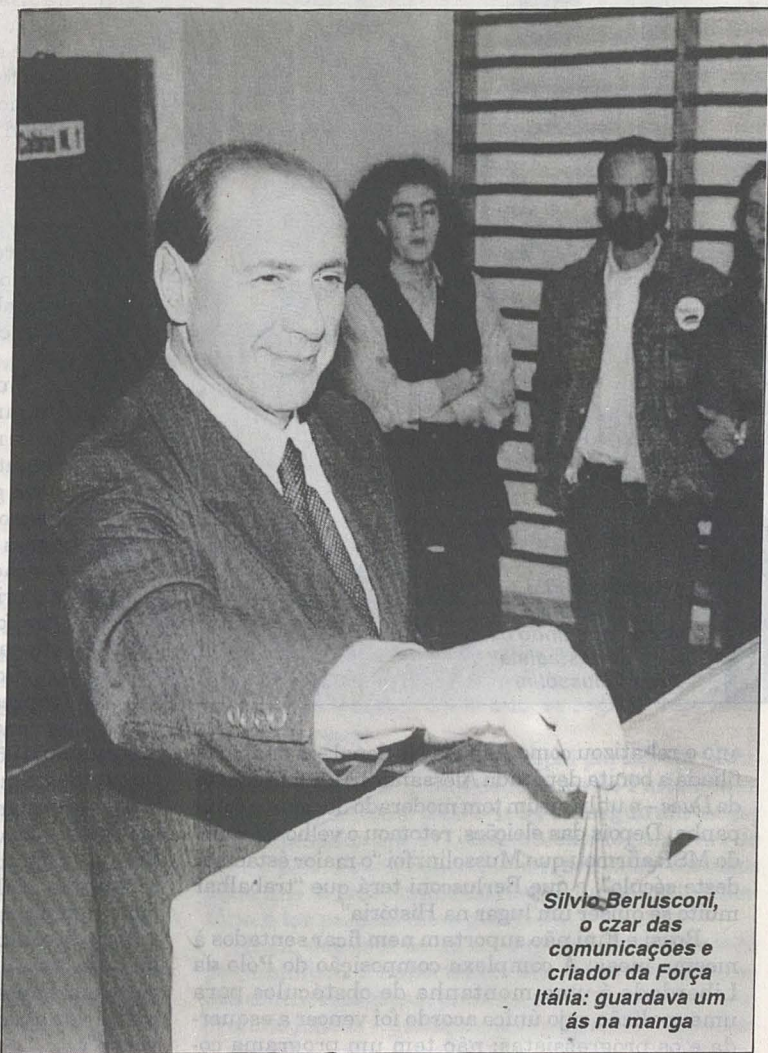
Mais adiante, *The Guardian* assinalava: “Força Itália é a quinta-essência do novo partido político. Não tentou filiar membros maciçamente e virtualmente não tem representações de base. É uma criação dos meios de comunicação. Seu nome, seu slogan e suas políticas foram elaboradas pelos melhores e mais brilhantes publicitários italianos que, desnecessário dizer, trabalham para empresas que pertencem a Berlusconi. As três estações de TV deram ao magnata todo o tempo de transmissão e o apoio sem crítica do qual necessitava. Não havia nada parecido com a imparcialidade.”

O satânico “Dr. Berluskaizer” - “Reconduzir os fascistas novamente ao poder na Itália equivale a dar o governo aos nazistas na Alemanha”, disse Humberto Bossi, da Liga Norte, a poucos dias da vitória do Pólo da Liberdade, ao ver que seu partido perdia força em virtude dos novos acordos entre Silvio Berlusconi e Gianfranco Fini, da Aliança Nacional. E advertiu: “Cuidado com *Berluskaizer*. Graças às suas três redes de televisão pode manipular a opinião pública. Por isso, digo que é um perigo para a democracia.”

O dirigente passou por cima de um detalhe nada insignificante: ele também ajudou a levar Berlusconi e os fascistas ao poder.

Bossi, de 52 anos, pertence a uma classe política relativamente nova e considerada uma intrusa. Agressivo e inimigo de morte dos partidos tradicionais, fundou em 1982 a Liga Lombarda, que agrupava uma série de pequenos partidos do norte do país, para criar a Liga Norte em 1991. Sua vitória nas eleições legislativas de 1992 foi o de *uomo qualunque* (um homem comum) dos anos 40, com o qual muitos italianos ainda se identificam.

Fini, de 42 anos, pertencia ao Movimento Social Italiano, criado em 1946 pelos fascistas, mas este



Silvio Berlusconi, o czar das comunicações e criador da Força Itália: guardava um ás na manga

Os fascistas argentinos

Benito Mussolini e Adolf Hitler têm vários seguidores na Argentina: se organizam em pequenos grupos como Falange da Fé, Força Nova, Movimento Nacionalista de Restauração e o Partido Ariano Nacionalista Integral.

Um dos mais conhecidos se chama Alejandro Carlos Biondini, filho de um operário comunista e chefe do grupo fascista Alerta Nacional, criado em 1982, que de vez em quando deixa seus bigodes ao estilo Adolf Hitler (ou Charles Chaplin, segun-

do asseguram seus adversários). Os membros de Alerta Nacional são poucos mas muito ativos. Editam um jornal com o mesmo nome, cuja tiragem é de 900 exemplares, que vendem em postos do centro de Buenos Aires, sobretudo nas ruas de pedestres Florida e Lavalle.

Eles foram responsáveis pela colocação de várias bombas em cinemas e restaurantes de Buenos Aires em 29 de março de 1988, na comemoração ao levante militar do ex-tenente-coronel "carapintada" Aldo

Rico na Semana Santa de 1987. O saldo foi de sete pessoas feridas.

Biondini acredita - da

mesma forma como todos os neofascistas e neonazistas - que todos os males da humanidade são produto da ação mancomunada de "judeus, comunistas, maçons e os liberais". Mas, além disso, tem idéias muito originais: sustenta, por exemplo, que o general Juan Domingo Perón continuou na América Latina "a obra" que iniciaram na Europa personagens como Adolf Hitler, Benito Mussolini e Francisco Franco.

Garante, também, que Jesus não era judeu mas árabe. Os hebreus - diz - falsificaram a história e estabeleceram as bases da "subversão mundial", que logo fará dois mil anos. Propõe, em conseqüência, a fusão do cristianismo e do islamismo para enfrentar o judaísmo e o marxismo.



Gianfranco Fini, líder da Alianza Nacional: seguindo os passos do "estadista" Benito Mussolini

ano o rebatizou como Aliança Nacional - a qual está filiada a bonita deputada Alessandra Mussolini, neta do Duce - e utilizou um tom moderado durante a campanha. Depois das eleições, retomou o velho discurso do MSI: afirmou que Mussolini foi "o maior estadista deste século", e que Berlusconi terá que "trabalhar muito se quiser um lugar na História".

Bossi e Fini não suportam nem ficar sentados à mesma mesa. A complexa composição do Pólo da Liberdade é uma montanha de obstáculos para uma coalizão cujo único acordo foi vencer a esquerda e os progressistas: não tem um programa co-

mum, não está de acordo sobre o sistema institucional com o qual o país deverá funcionar e seus integrantes se enfrentam abertamente na divisão dos cargos públicos.

Europa na mira - A II República Italiana nasceu oficialmente na noite de 20 de maio de 1994, quando a Câmara dos Deputados deu um voto de confiança ao novo governo liderado pelo primeiro-ministro Silvio Berlusconi com 366 legisladores a favor, 245 contra e nenhuma abstenção. É 53º governo civil do pós-guerra e o primeiro nos últimos 50 anos formado por forças políticas que nunca haviam chegado ao poder.

Conta com um Parlamento onde os representantes do Pólo da Liberdade têm a maioria absoluta: Aliança Nacional conquistou 105 das 630 cadeiras da Câmara dos Deputados, o que - somado aos cinco ministros neofascistas designados no gabinete - lhe dá um poder inédito desde a década de 20. "A Aliança Nacional deve ser o motor do governo", declarou Gianfranco Fini no dia 29 de abril em seu relatório à direção do movimento neofascista ao completar-se um mês da vitória da coalizão direitista. Afirmou que após a vitória da "revolução silenciosa (nas eleições de março), os italianos olham para a direita, que pela primeira vez estará presente com seus homens no governo".